


DISCUTINDO A SÉRIE *ADOLESCÊNCIA* – ENTRE O DESCONHECIMENTO E A REGULAÇÃO DA PRAÇA PÚBLICA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-019>

Data de submissão: 02/04/2025

Data de publicação: 02/05/2025

Karla Aparecida Zucoloto

Doutora em Psicologia da Educação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Atuação: IFSULDEMINAS- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas

Gerais – Poços de Caldas, Minas Gerais, Brasil

E-mail: karla.zucoloto@ifsuldeminas.edu.br

Pedro Henrique Zucoloto da Silva

Formação acadêmica mais alta com a área

Mestrando da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais

Endereço: Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: pedrozucoloto1@gmail.com

RESUMO

Este estudo visa analisar o fenômeno adolescência sob os estudos da área da pedagogia, da psicologia e da legislação a partir da série *Adolescência*, de um serviço de streaming por assinatura. A série é composta por 4 episódios que tratam de um crime cometido por um menino de 13 anos na visão do Estado, da escola, da psicologia forense e da família foi analisada em seus episódios constitutivos visando discutir desenvolvimento humano na adolescência e necessidade de regulação das redes sociais. Elegemos como objetivo analisar o comportamento do adolescente no mundo *hiperconectado* e como problema o aumento dos casos de violência entre jovens e adolescentes para tentar delimitar o papel de diferentes adultos nos diferentes contextos sociais. Os dados do aumento significativo da violência entre adolescentes e jovens apontam para o descontrole da vida social, em função da exposição precoce desse grupo às diferentes mídias sociais, nos fazendo repensar o papel do Estado, da escola, dos pais e dos especialistas no papel de cuidar das nossas crianças e jovens.

Palavras-chave: Adolescência. Mídias sociais. Regulação da Internet. Violência.

1 INTRODUÇÃO

No livro *A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais*, de julho de 2024, Jonathan Haidt afirma que as crianças e os adolescentes estão em perigo com a extensa exposição ao ambiente virtual. O autor afirma que desde o início dos anos 2010, as taxas de depressão, ansiedade e outros transtornos mentais têm crescido vertiginosamente nestes grupos. Explicando as causas dessa epidemia e defendendo uma infância longe das telas o autor demonstra como a *infância baseada no brincar* entrou em declínio na década de 1980 e foi substituída pela *infância baseada no celular*, acompanhada por uma hiperconectividade que alterou o desenvolvimento social e neurológico dos jovens e tem causado privação de sono, privação social, fragmentação da atenção e vício.

O autor também examina porque as redes sociais prejudicam mais as meninas e os motivos que levam os meninos a migrar do mundo real para o virtual, com consequências desastrosas para eles e as pessoas ao seu redor. Diante desse cenário catastrófico, o autor mostra o que pais, professores, escolas, empresas de tecnologia e governos podem fazer na prática para reverter a situação e evitar danos psicológicos ainda mais profundos. Um plano de ação que não podemos nos dar ao luxo de ignorar, porque o que está em jogo não é apenas o bem-estar de nossas crianças, mas da sociedade como um todo, é regular as redes sociais ou a *praça pública* que junta nossos adolescentes.

Nesse mesmo sentido a série lançada pela Netflix¹, *Adolescência*, tem suscitado discussões em inúmeros grupos ligados à pedagogia, direito e psicologia. O tema apresentado pela série pode ser sintetizado em uma pergunta perturbadora: *O que leva um adolescente de 13 anos a assassinar sua colega de escola?* Este artigo visa discutir como as redes sociais impactam esta etapa do desenvolvimento bem como a necessidade de regulação das redes sociais, tida como a *praça pública* nos espaços virtuais.

Pretende-se analisar parte do fenômeno, a série propriamente dita, em seu contexto geral respeitando a temática adotada por cada episódio, a saber: detenção, escola, laudo psicológico e contexto familiar. Nessa análise traremos leituras da *pedagogia* para explicar o contexto feroz do ambiente educativo e da relação entre pares e entre adultos, da *psicologia* para discutir emoções e desenvolvimento pleno na adolescência com suas especificidades cognitivas e afetivas e do *direito* para entender a legislação que regula o segmento etário e a necessária discussão de uma regulação do ambiente das diferentes redes sociais. O problema que orienta nossa análise perpassa o aumento dos casos de violência entre jovens e adolescentes e procura delimitar o papel de diferentes adultos nos

¹ A Netflix é um serviço de streaming por assinatura que permite assistir a séries e filmes em um aparelho conectado à internet.

diferentes contextos sociais.

De acordo com a juíza Vanessa Cavalieri², dados de 2016 a 2019 mostram que metade dos adolescentes estavam envolvidos em roubo, que é a subtração com violência ou grave ameaça, tínhamos 20% de furto, 18% de tráfico e os outros 10% de vários crimes. Havia apenas alguns crimes sexuais, como estupro de vulnerável. Esses crimes tinham relação muito direta com a desigualdade social do Brasil e uma sociedade extremamente consumista. Contudo, houve uma mudança significativa depois da pandemia pois passou a chegar um outro perfil de adolescentes, que antes não frequentava o Judiciário jovens de classe média, classe alta, alunos das melhores escolas envolvidos em atos violentos, de terrorismo ou apologia ao nazismo.

Na mesma entrevista a juíza Vanessa Cavalieri destaca a responsabilidade das famílias na educação digital das crianças, criticando a falta de intervenção dos pais diante de comportamentos inadequados, como um menino de oito anos reproduzindo falas violentas em grupos de WhatsApp. Ela alerta que muitas vezes esses comportamentos indicam falta de maturidade para estar em ambientes virtuais sem supervisão. Embora crimes virtuais ainda não superem delitos como furto e tráfico, têm aumentado com casos cada vez mais graves, como bullying, racismo e incitação à automutilação. Ela enfatiza a importância da vigilância dos pais e alerta sobre a sensação de impunidade e “terra sem lei” que muitos adolescentes têm no ambiente digital. A juíza reforça a ideia de que a ausência de consequências reforça comportamentos prejudiciais.

A juíza Vanessa Cavalieri relata casos graves de crimes cometidos por adolescentes que foram descobertos através de alertas da Interpol, muitas vezes com base em denúncias feitas por plataformas como Google, Meta e Facebook. Esses crimes incluíam planejamentos de atentados terroristas, como ataques a escolas e até à usina de Angra, além de abuso sexual infantil. Muitos dos adolescentes estavam envolvidos em comunidades *online* perigosas, como grupos no *Discord*, nos quais havia aliciamento, exploração sexual e chantagens contra meninas emocionalmente vulneráveis. Ela critica a falta de moderação ativa nas redes e alerta que, frequentemente, os pais só descobrem o envolvimento dos filhos quando a polícia já está em casa com um mandado.

Iniciamos pela contextualização da série e das questões que envolvem o contexto do adolescente na série e suas correlações com a vida real dos demais coetâneos. A legislação brasileira contempla a atenção integral à saúde dos adolescentes em várias leis, que devem ser do conhecimento de todos os profissionais que se propõem a trabalhar com esses jovens. O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA - (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990) é um marco na história recente da cidadania

² Entrevista à Rádio Novelo em 10 de março de 2025 disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/fiodameada/vanessa-cavalieri-nao-quer-prender-o-teu-filho/>

de meninos e meninas no Brasil que substituiu o Código de Menores (Lei nº 6.697, de 10/10/1979) o qual se circunscrevia às crianças e aos adolescentes em situação irregular. Tal instrumento ditou regras e normas durante 10 anos e sua presença cultural ainda perdura, impedindo que a própria sociedade reconheça os direitos e deveres das crianças e dos adolescentes. Contudo, é preciso delimitar o que vem a ser adolescência e em quais âmbitos a legislação pode intervir.

Em seu artigo quarto o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente afirma que:

é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Cuidar, zelar, garantir todos os direitos à criança e ao adolescente é o que afirma a legislação. E o que isso significa? Entendendo que a adolescência compreende a faixa etária situada entre os dez e vinte anos incompletos, segundo a Organização Mundial de Saúde, se constitui como uma fase crítica do processo de crescimento e desenvolvimento humano, marcada por numerosas transformações relacionadas aos aspectos físicos, psíquicos e sociais do indivíduo (Lourenço e Queiroz, 2010). Por estar situada entre a infância e a adultez essa fase do desenvolvimento humano se prima pela construção da identidade e do seu lugar na sociedade.

A minissérie do streaming Netflix chama-se Adolescência e conta com 4 episódios. A história narra um crime que muda completamente a vida de uma família de classe média normal e que mostra a autoria do adolescente logo no primeiro episódio. A série, filmada em plano sequência, descreve a trama sobre um crime cometido por um adolescente de 13 anos, chamado Jamie Miller, interpretado por Owen Cooper, e que é analisado pela perspectiva do Estado, da escola, da psicologia e da família. O drama criminal traz um conflito de percepções já que questiona quanto os pais de Jamie sabem sobre o que acontece na vida de seus filhos. A série conta com roteiro de Jack Thorne e do Stephen Graham, que também interpreta o pai de Jamie, além de direção de Philip Barantini.

A série visa explorar o crescente número de eventos violentos, que têm adolescentes como protagonistas, na atualidade, para nos levar a refletir sobre o tempo que crianças e adolescentes passam em frente às telas fechados na privacidade dos seus quartos em suas casas em uma relação direta com os dados apresentados por Cavellari (HAIDT, 2024). De acordo com um artigo do globo³ uma das respostas parece estar relacionada à chamada *machosfera*, termo que cunhado pela primeira vez em 2009 e que descreve uma rede de comunidades de interesse masculino *online* e que inclui grupos com

³ <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/03/29/adolescencia-como-surgiu-a-sinistra-machosfera-retratada-pela-serie.ghml>

um variado espectro de ideologias que vão desde acreditar que os homens não têm poder institucional até visões mais extremas e misóginas. Mas agora a *machosfera* ultrapassou os limites da internet, com seu conteúdo extremo sendo recompensado por algoritmos de rede social, e tem alcançado uma audiência que antes não era possível.

Influenciadores de masculinidade, como *Andrew Tate*, agora são famosos no mundo todo e suas ideias estão por toda parte e são passíveis de serem acessadas por crianças e adolescentes sem nenhum controle ou filtro. De acordo com especialistas, influenciadores e grupos estão explorando o colapso da comunidade e a lacuna deixada pelos desafios sociais e econômicos enfrentados pelos jovens, bem como os inúmeros problemas relativos ao desenvolvimento de crianças e jovens no mundo todo.

O ativista americano *Warren Farrell* se tornou uma voz de destaque no Movimento de Libertação dos Homens, um movimento de resposta à organização feminista na década de 1970, durante a segunda onda do feminismo, que se concentrava em questões de igualdade e discriminação. Ele acreditava que os papéis de gênero e o patriarcado prejudicavam os homens e a construção da masculinidade. No entanto, quando as feministas chamaram a atenção para a epidemia de violência contra as mulheres praticada por homens, os dois movimentos entraram em conflito, explica Debbie Ging, acadêmica que estuda a machosfera⁴.

O Movimento de Libertação dos Homens se fragmentou à medida que Farrell e outros se desiludiram com o feminismo e passaram a acreditar que as feministas estavam mais interessadas no poder do que na igualdade, visão que repercute entre um número cada vez maior de homens até os dias atuais. Farrell (1993; 2019) escreveu livros afirmando que os homens estavam sendo oprimidos, que a violência doméstica era uma via de mão dupla, e que as mulheres eram culpadas pela desigualdade salarial uma vez que decidem romper com o pacto de que os homens trabalham para o sustento das famílias e as mulheres seriam as responsáveis pelo cuidado da família.

Essas ideias foram compartilhadas nos primeiros fóruns *online*, e muitos dos atuais ativistas dos direitos dos homens consideram esse momento como sua pedra angular, e defendem que precisam vencer a lógica feminista por meio da imposição da lógica dos homens. Tais ideias foram amplamente divulgadas com a ascensão da internet nos anos 1990, pelos ativistas dos direitos dos homens que usaram o ambiente online para criar fóruns e salas de bate-papo, que não eram tóxicos a princípio.

O fórum começou como um espaço aberto para todos, mas, à medida que cresceu, a moderação diminuiu e o rumo da conversa se voltou para a discussão do sexismo, e novas comunidades foram formadas usando o termo *incel*, *celibatários involuntários*. Em vez de um espaço para discutir

⁴ <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/03/29/adolescencia-como-surgiu-a-sinistra-machosfera-retratada-pela-serie.ghml>

problemas de relacionamento, os homens culpam as mulheres por sua solidão diante da dificuldade em estabelecer relações afetivas.

Esses cenários descritos podem ser percebidos por diferentes pais em diversos lugares com uma semelhança assombrosa. Não há regulação efetiva nem controle do público que acessa tais contextos violentos e menos ainda dos danos derivados da exposição de jovens e adolescentes a estes cenários distorcidos.

O mecanismo que permite ao nosso cérebro se adaptar funcional e estruturalmente a novas experiências, a novas informações apresentadas pode ser chamado de plasticidade cerebral. Tal mecanismo desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano permitindo formação de circuitos neurais importantes para o desenvolvimento, sendo que na infância e na adolescência eles são mais difusos, inespecíficos e menos econômicos no consumo de energia em comparação à fase adulta, que por sua vez, apresenta circuitos neurais mais localizados, específicos e mais econômicos. Purves et al., (2005), Kandel et al., (2014) e Lent (2022) explicam que todo esse complexo desenvolvimento neural, reflete, por fim, o progressivo desenvolvimento de funções executivas, mnemônicas e até mesmo emocionais, dependem da maturação destes processos.

No episódio da escola, o segundo da série, o filho do policial, *Adam*, tenta explicar ao pai as linguagens das redes, cujos códigos o mesmo não compreende, ao vê-lo constrangido e embaraçado diante da sua turma. Este episódio nos remete a um outro extremo do espectro, os fóruns de *profissionais da sedução*, comunidades *online* em que os homens discutem estratégias para atrair mulheres, chamando a si mesmos de *alfas*, termo usado para indicar masculinidade. Lisa Sugiura e outros sete autores especialistas em crimes cibernéticos escreveram quatro livros sobre a história da *machosfera* e crimes cibernéticos afirmam que assim como os fóruns *incel*, esses grupos logo se tornaram repletos de ideias misóginas afirmando o que as mulheres não têm poder de decisão, que não têm o direito de dizer não.

As ideias da *machosfera* começam a ganhar força com o advento das redes sociais no início do século XXI, com a reunião de *incels* no *Facebook*, *YouTube* e *Reddit*, com ampliação do acesso a públicos maiores, com grupos que começaram a se unir e a pegar emprestada a ideologia uns dos outros para ganhar mais relevância. Um dos pilares destas comunidades era a crença de que as chances de namorar não eram favoráveis para os homens, conhecida como a *regra 80/20*, mencionada na série *Adolescência*, que argumenta que 80% das mulheres são atraídas por 20% dos homens, alegação originalmente baseada em uma pesquisa mal interpretada (idem). Nos grupos esses homens denominam essa ideologia como *tomar a pílula vermelha*, uma referência do filme *Matrix*, que indica "despertar" para as injustiças da sociedade.

Ainda os mesmos autores afirmam que essas redes juntas criaram uma nova forma de ativismo político contra o feminismo, uma verdadeira *caça às bruxas digitais* que tinham como objetivo advertir as mulheres sobre as consequências de transgredir certos limites, impostos por esses grupos nas mais diversas *panelas*, grupos de conversa e fóruns de discussão no *discord*, *Instagram*, *YouTube*, *Facebook* entre outros. Em 2014, comunidades da machosfera organizaram uma campanha de ódio contra mulheres da comunidade de *games*, praticando *doxing* (publicação de dados privados) e fazendo ameaças às mulheres em geral. Nesse mesmo ano a machosfera passou dos fóruns online para a violência no mundo real. Embora estes grupos tenham ganhado notoriedade, eles permaneceram à margem da internet.

Nessas redes e nesses grupos os influenciadores da machosfera compartilham ideias extremas, pegando emprestados conceitos das comunidades *incel* e de profissionais da sedução. As plataformas de rede social que priorizam vídeos curtos impulsionam temas de discussão da machosfera para o *mainstream* por meio de influenciadores como Andrew Tate, que se autodenomina misógino. Eles associam esses conceitos a conselhos de autoajuda, condicionamento físico e finanças, muitas vezes oferecendo soluções simples para questões complexas por meio da venda de produtos ou cursos.

A juíza Vanessa Cavalieri explica que os pais são civilmente responsáveis por atos dos filhos e podem ser obrigados a pagar indenizações por danos morais e tratamentos psicológicos ou psiquiátricos às vítimas. Ela cita o caso de uma adolescente de 16 anos que teve vídeos íntimos vazados pelo ex-namorado, o que causou graves danos emocionais e a levou a abandonar os estudos. O adolescente foi responsabilizado criminalmente com medida socioeducativa.

Cavalieri também destaca a presença crescente de adolescentes de classe média e alta envolvidos em crimes sexuais, especialmente relacionados à violência de gênero. Em resposta, ela criou, na Vara onde atua, um grupo reflexivo voltado a adolescentes infratores, com o objetivo de promover a conscientização e prevenir que esses jovens perpetuem comportamentos misóginos e violentos na vida adulta.

Jack Thorne, roteirista da série *Adolescência*, afirma que os influenciadores de masculinidade fazem parte de um ecossistema de questões que afetam o adolescente no centro da série, preenchendo uma lacuna para os homens jovens que buscam uma comunidade e, de acordo com Sugiura (2021), sentem a pressão para se adequar à imagem de um homem masculino, sem ter espaço para falar sobre sua solidão, depressão e ansiedade. A autora sugere que foi assim que os influenciadores tornaram essas mensagens extremas mais palatáveis, tornando a machosfera não apenas um *lócus* de misoginia e ódio, como uma forma que parece ser sobre autoajuda e evolução pessoal. Para o roteirista, os pais

que não enxergam o menino, o sistema escolar que o deixou na mão e as ideias que ele consumiu na rede social formam a trama que pode estar no seio de uma família comum e um mundo comum.

Embora *Adolescência* não seja uma adaptação direta de um caso real, a série se inspira em um cenário alarmante: o aumento da violência com facas entre jovens no Reino Unido e a influência crescente de figuras da *machosfera* global. Stephen Graham expressou à Netflix a preocupação central da série: entender as pressões que moldam a juventude. O criador ainda contrastou sua própria adolescência, em que o quarto era um refúgio seguro, com a realidade atual, onde os smartphones expõem os jovens a perigos constantes.

O maior mérito da série é provocar discussões, especialmente sobre a educação de adolescentes, sobre como é possível que um garoto de 13 anos, criado por uma família amorosa, sem histórico significativo de delinquência, cometa um assassinato brutal? A cena entre Jamie e a psicóloga ilustra uma das principais reflexões sobre como o adolescente percebe o mundo, sua absoluta ignorância sobre as muitas dimensões do ato que cometeu.

A pergunta insistente da psicóloga forense Briony Ariston sobre se Jamie tem consciência de que a menina morreu e do que aquilo significa retrata a absoluta ausência de consciência de seus atos, fato que fica evidente na afirmação mas eu não a estupro, ou seja, eu não posso ser tão ruim assim. Percebemos que Jamie tenta tratar a psicóloga como objeto oscilando entre o menininho e o macho alfa, o menininho para quem ela leva chocolate e sanduíche e o macho que chuta cadeiras e grita.

A pergunta insistente e desesperada de Jamie Miller à psicóloga forense *Você gosta de mim?* nos instiga a revisitar a necessidade de acolhimento que os adolescentes precisam. Desesperado, Jamie avança sobre ela, gritando e repetindo a mesma pergunta. A psicóloga, enfim, responde que é uma profissional e que estava lá para desempenhar o seu papel. Raivoso e enfurecido ao perceber que seu jogo ser *um menininho fofo* e ser *alfa* não funciona novamente, Jamie parte para a agressão física, sendo contido por um policial. A questão, mais uma vez, não é o crime cometido ou as consequências desse ato, mas a necessidade de encontrar afeto e aprovação no olhar do outro.

Um ponto comum entre esses campos é o reconhecimento de que o comportamento adolescente é guiado sobretudo pelas emoções (Almeida e Mahoney, 2007). O desespero de Jamie diante da recusa da psicóloga em responder se gostava dele revela justamente essa dificuldade em separar o vínculo emocional da relação institucional e racional. O comportamento do garoto também está carregado de desconfiança em relação ao mundo adulto, de provocações que tentam desestabilizar o interlocutor e desnudar sua suposta hipocrisia. Ao mesmo tempo, há forte necessidade de afeto e aceitação por parte desses mesmos adultos.

Embora haja, nessa fase, um progresso cognitivo que amplia a capacidade de raciocinar e abstrair, é a emoção que determinará o desejo, ou sua ausência, de estudar, conviver, estar presente, gostar de uma disciplina ou criar vínculo com professores. A emoção sustenta os laços com instituições, famílias, grupos de amigos, escolhas de carreira e com o próprio saber. Também será a emoção, salvo em situações de vulnerabilidade extrema, o fator determinante para o abandono desses vínculos. Jamie entra em crise ao descobrir que não verá mais a psicóloga após aquela sessão. Sente-se abandonado e traído.

O adolescente age como alguém com poucos recursos emocionais para lidar com situações de tensão: partindo para agressões e ameaças. Interessante fazer o paralelo entre essa cena e a cena na qual Jamie afirma que gosta das aulas de história e que gosta do professor, mas o mesmo não consegue falar sobre o menino e nem mesmo sabe direito de quem se trata.

Na série quanto na vida real a internet é um elemento chave, pois são nas comunidades virtuais que tais ideologias encontram solo fértil para florescer. No entendimento da psicóloga Ilana Luiz Fermann, autora do livro *Uso Nocivo de Internet e Mídias Sociais – Adoecimento Mental e Protocolo de Intervenção Cognitivo-Comportamental*, publicado em 2025, o tema não deve ser tratado somente pelo viés da vilanização das redes. Para a autora, as mídias sociais como WhatsApp, Facebook e Instagram são consideradas recurso de comunicação e são usados pela população no Brasil e no mundo e a internet, bem como as tecnologias de comunicação, têm sido utilizadas como facilitadores de tarefas diárias e relacionamentos interpessoais. Porém, seu uso desmedido e descontrolado poderá ser prejudicial no que diz respeito a aspectos cognitivos interferindo consequentemente de forma nociva na sua saúde mental, nos aspectos emocionais e comportamentais de todas as pessoas.

Como seres profundamente movidos pelas emoções, os adolescentes tornam-se presas fáceis para os algoritmos das redes sociais; diante de um post nossa reação costuma ser emocional: curtimos, rejeitamos ou ignoramos e buscamos outro post que nos traga satisfação imediata criando um ciclo interminável sustentado por um cardápio infinito de conteúdo. Esse processo aumenta a ansiedade, reduz a tolerância a atividades mais demoradas e nos vicia em avaliar situações complexas com base em emoções primitivas. Se isso já ocorre conosco, adultos, com maior capacidade de autorregulação, podemos imaginar o efeito dessas práticas com adolescentes que tendem a desconhecer as consequências de seus atos, apresentam dificuldade de concentração, enfrentam inseguranças intensas (HAIDT, 2024, SUGIURA, 2021).

A investigação policial e as sessões com a psicóloga Briony revelam que Jamie era um jovem inseguro, vulnerável à influência de figuras misóginas *online*, como Andrew Tate, e alvo de *bullying* na escola. Sua visão distorcida das mulheres fica evidente em suas falas sobre Katie e em seu

comportamento com a psicóloga forense. Jamie revela que Katie enviou uma foto íntima para um colega, que a compartilhou e ridicularizou. Ele interpretou a reação de Katie como fraqueza e a convidou para sair, sendo rejeitado. Esse episódio alimentou sua obsessão. No dia do crime, Jamie confessou ter desejado abusar de Katie, mas alegou ter se controlado. Todas essas questões demandam da dificuldade em construir uma relação de causa e consequência que é típica em adolescentes, cuja capacidade de refletir é limitada pelo não desenvolvimento pleno do *lobo frontal* (Kandel et al, 2014; Lent, 2022; Purves et al, 2010), parte do cérebro responsável por esse discernimento.

Fermann (2025) chama atenção para a importância do desenvolvimento de uma educação para o uso das redes sociais e das ferramentas digitais na qual pais e responsáveis pela criação de criança e adolescentes precisam estar preparados para lidar com a presença *online* dos jovens e orientá-los quanto à postura que adotam no ambiente virtual. A psicóloga reconhece que a prática é considerada sensível, mas defende que tal supervisão é necessária e pode ser feita de maneira amigável. É preciso monitorar para orientar e estabelecer um espaço de comunicação, de troca, de acolhimento e de limites; supervisionar não é invadir a privacidade que é uma questão muito sensível na cultura de relacionamentos na Inglaterra. Tal postura inclui supervisionar os conteúdos aos quais os filhos são expostos e a forma como se comunicam *online*.

Outro aspecto abordado pela série diz respeito ao distanciamento entre o protagonista e os adultos que estão ao redor dele, que pode ser corroborado pela surpresa que os pais e professores de Jamie demonstram ao tomar conhecimento dos fatos que podem ser comprovados pelo drama do personagem central de *Adolescência*, por exemplo da baixa autoestima, o sentimento de insegurança e de inadequação. A série retrata a pouca conexão que grande parte dos jovens mantêm com seus pais e educadores.

O Jamie não é um adolescente abandonado, tem uma família estruturada, estuda em uma boa escola, ou seja, está cercado por uma rede de atenção. Porém, nenhuma parte dessa rede de atenção está verdadeiramente atenta a ele. Há muitos adultos em torno do personagem, mas todos se mostraram incapazes de olhá-lo de forma individualizada. A presença dos adultos é imprescindível para que os jovens passem pelas mudanças típicas da adolescência de maneira saudável. Em meio ao turbilhão de sentimentos e descobertas que marcam o período, é preciso orientações precisas.

De acordo com a juíza Vanessa Cavalleri afirma que:

“Se corta, se mata”. Eu tive um caso agora, recente, de racismo de uma aluna contra um professor. Então, é uma menina de 13 anos que grava um story no Instagram dela, para . E aí, ela começa a falar do professor de matemática, que ela vai ter prova, que o professor é ruim, que ela não sabe nada, e ‘*nã nã nã*’. Em determinado momento, ela fala assim: “Não sei o que o colégio tal...”, o colégio onde ela estuda, “...foi contratar essa baleia preta para dar aula. Esse preto fodido”. Alguém printa a tela, grava a tela, aquilo começa a rodar em grupos de

WhatsApp, e aí uma mãe que dá geral no WhatsApp das filhas vê. Então, por isso que é importante, entendeu? Olhar. Porque se essa mãe não ver, ninguém *ia saber*. Quer dizer, os adolescentes sabem.

É preciso ter clareza de que os adolescentes são pessoas em desenvolvimento cujo lobo frontal só alcançará a plenitude por volta dos 25 anos. Esse lobo frontal é o responsável pela relação de causa e consequência, que permitirá ao jovem antecipar os efeitos de suas ações (MLODINOW, 2018). A causalidade é construída com o desenvolvimento e com o desenvolvimento neural e sem essa maturidade não é possível refrear os impulsos nem avaliar as respostas às ações. Para conter os impulsos será preciso orientação, cuidado, supervisão e experiência. Haidt (2024) nos relembra dos perdidos ritos de passagem que insistimos em esquecer; são esses que nos permitem adentrar no universo dos adultos com olhos de adolescente para amadurecer sob a tutela e supervisão dos mais velhos.

O quarto episódio acontece cerca de um mês após o incidente que levou o adolescente à prisão. A família segue lidando com as consequências do crime cometido por Jamie e pela leitura da comunidade a respeito do caso, como ter a *van* de trabalho pichada por garotos do bairro ou se deparar de súbito com o respeito do atendente da loja de materiais que oferece ajuda por *entender* o que Jamie sentiu. Existe uma tensão crescente na família e na vizinha e é compreensível. É a consequência de um crime que choca e que causa muita estranheza.

Mas o que fazer com o território livre que existe na internet? Quem regula essa praça pública? Com base no quê e por qual razão? Adolescentes entram em qualquer ambiente virtual e acessam o que querem e bem entendem e ficam sob e supervisão e administração dos pais, quiçá das escolas. Permanece o questionamento: não seria necessário que tais *big techs* seguissem as leis nos países nos quais opera?

No final do quarto episódio Jamie informa ao pai que irá mudar o depoimento e admitir que é culpado em oposição ao que ele afirmou como um mantra no primeiro episódio: *eu não fiz nada*. O pai está na van e fala com o menino que a mãe e a irmã estão ouvindo a ligação e é interessante destacar que Jamie pede desculpas para o pai e que parece não se importar com as mulheres no veículo, denotando mais uma vez a objetificação das mulheres.

Em casa pai e mãe têm uma conversa bastante dura pois o pai afirma que viu o vídeo e sabe o que o filho fez mas admite que não acolheu o filho quando outros pais riam dele no futebol e que não soube lidar com o jeito de ser do filho. E aqui nos somamos ao que Stephen Graham, que interpreta o pai do garoto e é co-criador da série junto com Jack Thorne, fala sobre a motivação por trás da obra:

entender *porque* o menino faz isso? E podemos ir além: o que vamos fazer com essa praça pública que mais parece terra de ninguém?

O ganho da série talvez seja falar sobre o impacto das redes sociais nas nossas vidas como um todo, ou seja, nos nossos relacionamentos. A série nos convida a pensar na família da vítima no primeiro episódio, nos mostra a família do autor abalada com todos os acontecimentos no último episódio. Colapso talvez seja a melhor palavra para descrever todos os cenários na série e nas nossas vidas. Jonathan Haidt (2024, p. 75) afirma que:

Na vida real, é necessário um tempo – muitas semanas – para se ter uma boa ideia de quais são os comportamentos mais comuns, porque é preciso observar múltiplos grupos em múltiplos cenários. Nas redes, no entanto, uma criança pode passar por mil unidades de informações em uma hora (considerando três segundos por publicação), cada uma delas acompanhada por indícios numéricos (curtidas) e comentários que indicam se publicação foi um sucesso ou um fracasso.

As redes sociais são, portanto, a máquina de conformidade mais eficaz já inventada. Elas podem definir o modelo mental do que é um comportamento aceitável para um adolescente em questão de horas, enquanto os pais talvez gastem anos em tentativas infrutíferas de fazer os filhos se sentarem direito ou pararem de choramingar. Os pais não têm como se aproveitar do poder do viés de conformidade, por isso com frequência não são páreo para o poder socializador das redes.

Com essa longa reflexão o autor nos convida a pensar todo o processo de aprendizagem social, do processo de identificar a pessoa que tem prestígio no grupo e começar a imitá-la ao mesmo tempo que percebe que são os perdedores para isolá-los e excluí-los do grupo ao invés de educar crianças e jovens para perceber o valor de cada pessoa, para entender que o melhor grupo é o mais diverso e para saber viver com as diferentes diferenças. As redes sociais anulam as diferenças e os vários modelos, ensinam conformidade, engolem o tempo, os talentos e as identidades para conquistar seguidores, nos moldes de uma seita.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga (orgs.). Afetividade e aprendizagem: Contribuições de Henri Wallon. Edições Loyola, 2007.
- BRASIL. Lei 8069 de 13 de junho de 1990. ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1990. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/3053864961/lei-8069-90> (aceso em 30 de março de 2025)
- FARREAL, Warren. The Myth of Male Power. Berkley Publishing Group, New York, NY, U.S.A, 1993.
- FARREAL, Warren; GARY. John. The Boy Crisis: Why Our Boys Are Struggling and What We Can Do about It. Benbella Books, 2019.
- FERMANN, Ilana Luiz. Uso Nocivo de Internet e Mídias Sociais – Adoecimento Mental e Protocolo de Intervenção Cognitivo-Comportamental. Editora Juruá, Curitiba – PR, 2025.
- HAIDT, Jonathan. A geração ansiosa - Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. Editora Companhia das Letras, São Paulo –SP, 2024.
- KANDEL, Eric R. et al. Princípios de Neurociências. 5a. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- LENT, Roberto. Cem Bilhões de Neurônios? Conceitos Fundamentais de Neurociência. Rio de Janeiro: Editora Atheneu, 2022.
- LOURENÇO, Benito; QUEIROZ, Lígia Bruini. Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência. Revista Médica. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo- SP, 2010 abr.-jun.; número 89, volume 2, pp:70-5.
- MARTIN, James; CUNLIFFE, Jack; MUNKSGAARD, Rasmus. Cryptomarkets: A Research Companion. In: Emerald Studies In Digital Crime, Technology and Social Harm, vol. 1, 2019.
- MLODINOW, Leonard. O andar do bêbado - como o acaso determina nossas vidas. 2ª Edição, Editora Zahar, Rio de Janeiro - RJ, 2018.
- LAVORGNA, Anita. Information Pollution as Social Harm: Investigating the Digital Drift of Medical Misinformation in a Time of Crisis. In: Emerald Studies In Digital Crime, Technology and Social Harm, vol. 2, 2021.
- Lisa; BAILEY, Jane; FLYNN, Asher; HENRY Nicola. The Emerald International Handbook of Technology-Facilitated Violence and Abuse. In: Emerald Studies In: Digital Crime, Technology and Social Harm, vol. 3, 2021.
- SUGIURA, Lisa. The Incel Rebellion: The Rise of the Manosphere and the Virtual War Against Women. In: Emerald Studies In Digital Crime, Technology and Social Harm, vol. 4, 2021.
- PURVES, Dale et al. Neurociências. 4a. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.